Aula 10

O POEMA E SEUS CONSTITUINTES (1ª PARTE)

META

Apresentar os elementos formais do poema referentes à métrica e à estrofação.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Classificar os versos e as estrofes de um poema tradicional ou moderno;
- Identificar os procedimentos técnicos usados pelo poeta para trabalhar a medida do verso e a composição da estrofe;
- Reconhecer o valor funcional da métrica para os efeitos poéticos do poema;
- Listar as licenças poéticas utilizadas nas composições feitas sob medida.

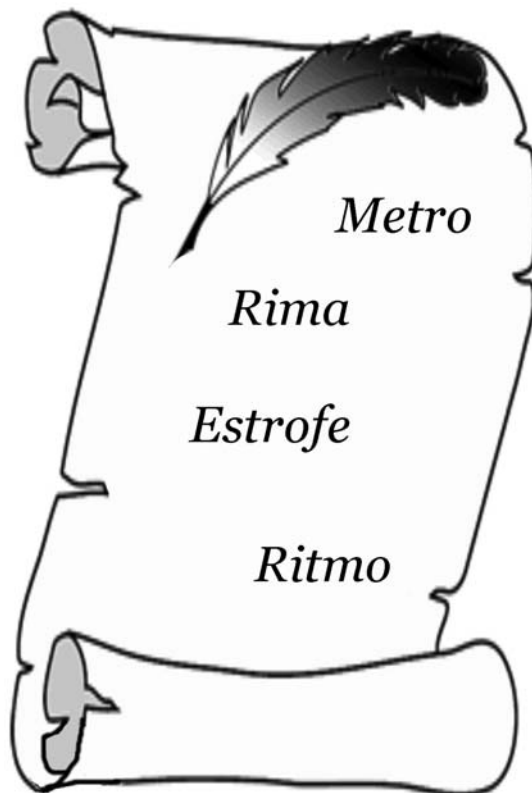
PRÉ-REQUISITOS

A aula 6, que contém os fundamentos essenciais do lírico.

Antonio Cardoso Filho

INTRODUÇÃO

Vamos, na primeira parte desta aula e também na segunda, tratar do poema. Ao estudar o lírico, nos voltamos para uma dimensão da linguagem que pode estar presente tanto no verso como na prosa. O lírico ou, se você preferir, a poesia, não é exclusividade do verso, mas o poema, na verdade, é o seu lugar mais propício. Entretanto, ao tomarmos agora o poema, nossa preocupação é com a organização formal. São questões técnicas que nos ocuparão a partir deste momento.

Para o estudo do verso, vários são os aspectos tomados, e cada um deles se subdivide em vários outros. À primeira vista, você poderá pensar logo: "Eu preciso decorar tudo isso?" Não! Calma! Você não precisa decorar cada conceito, mas apenas compreendê-los bem. Não se trata de manter tudo memorizado, mas primeiramente trata-se de tomar conhecimento de todos esses aspectos técnicos. Existem outros além dos citados nesta aula 10. Em caso de uma necessidade maior em suas pesquisas, ou na sala de aula com seus alunos, no futuro, você irá aos manuais que tratam detalhadamente de cada caso. Mas, cuidado! Não estou dizendo para estudar menos; estou lhe dando consciência do que é realmente importante para cada momento. Como futuro profissional dos estudos literários, você precisa se qualificar da melhor maneira possível, desde já.

METRIFICAÇÃO

Começaremos nosso estudo dizendo que o verso é formado por quatro elementos: o metro, a estrofe, o ritmo e a rima. Para a aula de hoje, selecionamos alguns comentários sobre a metrificação e a estrofação.

ESTUDO DO METRO

A palavra métrica (ou metro) vem do grego métron e significa medida. Por isso, podemos dizer que o metro é a medida do verso, e seu estudo chama-se métrica ou metrificação.

Em relação à métrica, os versos podem ser:

a) Isométricos ou isossilábicos – quando têm o mesmo número de sílabas.
b) Heterométricos ou heterossilábicos – quando têm número diferente de sílabas.

Se considerarmos a quantidade de sílabas métricas, encontraremos os seguintes tipos:

a) monossílabos – versos de uma sílaba;
b) dissílabos – versos de duas sílabas;
c) trissílabos – versos de três sílabas;
d) tetrassílabos – versos de quatro sílabas;
e) pentassílabos (ou redondilha menor) – versos de cinco sílabas;
f) hexassílabos – versos de seis sílabas;
g) heptassílabos (ou redondilha maior) – versos de sete sílabas;
h) octossílabos – versos de oito sílabas;
i) eneassílabos – versos de nove sílabas;
j) decassílabos – versos de dez sílabas;
k) hendecassílabos (ou arte maior) – versos de onze sílabas;
l) dodecassílabos (ou alexandrinos) – versos de doze sílabas;
m) bárbaros – versos de mais de doze sílabas.

Existe ainda o *verso livre* que é aquele que além de não ter um número regular de sílabas também não se preocupa com a métrica. Por isso, se diz que nele não há metro; há apenas o ritmo psicológico. Esse tipo de verso é muito comum no Modernismo, mas está longe de ser uma característica dele, pois é a forma mais antiga de se fazer o verso. A Bíblia está cheia dele.

Para conhecer a métrica do verso, precisamos contar suas sílabas ou seus sons. A este procedimento se dá o nome de escansão. Escandir um verso é ver quantas sílabas métricas ele tem. Mas veja: a sílaba métrica não é a mesma coisa que a sílaba gramatical; ela só é contada até a última tônica da palavra. Observe os versos seguintes de Castro Alves:

A/ pom/ba/ d'a/li/an/ça o/ vô/o es/prai/a (10versos)
Na/ su/per/fí/cie a/zul/ do/ mar/ i/men/so (10 versos)

Esses versos terminam em palavras paroxítonas, então no final sobra uma sílaba gramatical. Se as palavras fossem proparoxítonas sobrariam duas sílabas gramaticais. Mas a métrica não considera apenas a última tônica; há outros dados também em jogo, e alguns deles são chamados *figuras de dicção*, outros se chamam *figuras de morfologia*. Todos eles influenciam na métrica e, através deles, o poeta procura obter a isometria da estrofe ou mesmo do poema inteiro. De nossa parte, tendo conhecimento deles, podemos saber o procedimento que o poeta utilizou. Comecemos a vê-los.

FIGURAS DE DICÇÃO

Essas figuras são fenômenos fonéticos que acontecem em nossa fala no dia-a-dia. Por exemplo: se digo normalmente na minha conversa: "A gata arranha a menina" o que, na verdade, chega ao ouvido do meu interlocutor é: /a gatarranha menina/. Meu ouvinte compreenderá bem o que digo porque já tem o domínio dessa forma de falar, já tem o domínio das várias possibilidades de os sons se combinarem. Por isso, se ele for escrever a frase, colocará todos os elementos, embora aos seus ouvidos não tenham chegado discriminados todos os fonemas que a escrita mostra. O poeta lança mão desses fenômenos fonéticos, por isso no poema eles são chamados de "figuras de dicção", ou seja, fenômenos da fala. Veja alguns casos:

Elisão – é a supressão fônica de vogal entre palavras contíguas, por isso este é um fenômeno intervocálico, um fenômeno que acontece *entre* palavras. Para compreender melhor a elisão leia, em voz alta e espontaneamente, como se estivesse batendo um papo com alguém:

Eu sou aquele *que* os passados anos
Cantei na minha lira maldizente.
(Gregório de Matos)

Percebeu que, ao pronunciar as palavras *que* e *os*, elas soam como se fossem uma só? Isso é porque houve uma supressão ou quase supressão de um som, de um fonema. Sempre que houver essa situação, é possível contar uma sílaba apenas, e este fato é uma elisão. Lembre-se que o "h" inicial não é um fonema, mas simplesmente uma letra – visto que não produz som nenhum – o que resulta em você considerar a elisão diante de uma palavra iniciada com ele.

Hiato – é o contrário da elisão. Ele se dá também *entre* palavras e não dentro da palavra, e consiste em manter separadas duas sílabas que poderiam estar juntas, mas por questões de isometria se considera a separação.

Minha campa será entre as mangueiras, (10 sílabas)
Banhada do luar,
E *eu* contente dormirei tranquilo (10 sílabas)
À sombra do meu lar!

(Casimiro de Abreu)

Sinérese – é a união de dois sons dentro da palavra, por isso é um fenômeno intravocálico.

Era outra luz, era outra *suavidade* (10 sílabas)

(Antero de Quental)

Na palavra "suavidade" teríamos quatro sílabas métricas, mas se fizéssemos essa contagem, o verso ficaria com onze sílabas e não com dez, que é o seu padrão métrico. Então, consideramos uma sinérese entre as sílabas "su" e "a" e, com isso, retiramos uma sílaba e ficamos com apenas dez, obtendo a isometria.

Diérese – é o oposto da sinérese. Em vez de juntarmos o que ficaria separado, separamos o que deveria estar junto e, aí, ganhamos uma sílaba.

E mais que pi/edade de tristeza (10 sílabas)

(Antero de Quental)

Em "piedade", as duas vogais átonas que, em princípio, ficariam juntas, foram separadas.

Ectilipse ou ectlipse – é a elisão ou retirada do som nasal.

Quando passarmos juntos pela rua
nos mostrarão co dedo os mais pastores,

(Tomás Antônio Gonzaga)

(Fonte: http://emerson.bahia.zip.net).

"Co" é a junção de com + o. Aqui houve a supressão do fonema nasal na escrita, mas esse registro gráfico eliminando o "m" não é necessário. O "m" pode estar presente e, na escansão, ser considerada a ectilipse.

Sinafia – é a contagem de uma sílaba átona de um verso como se fosse do verso seguinte para obtenção da isometria.

Na valsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
....
E estavas
Tão pálida
Então;
Qual pálida
Rosa
Mimosa

(Casimiro de Abreu)

A última sílaba gramatical do verso "Qual pálida" foi contada como se pertencesse ao verso seguinte. O resultado foi a obtenção de duas sílabas para o verso "Rosa".

Anacrusa – é o procedimento que consiste em simplesmente não considerar uma sílaba do verso, para manter o mesmo esquema métrico. Isso é comum em versos curtos, mas pode ocorrer em versos maiores.

Alva,
Nua,
A lua
Cai

(Fagundes Varela)

Esses versos têm uma sílaba, exceto o terceiro que teria duas se não excluíssemos a palavra "a".

Hiperbibasmo – é o deslocamento para frente ou para trás da sílaba tônica. São dois os casos:

- *Sístole* – é o recuo do acento para a sílaba anterior.

Da caravana guarda a areia a pégada

(Castro Alves)

A palavra "pegada" é paroxítona, mas foi considerada como se fosse proparoxítona a fim de manter 10 sílabas métricas.

- *Diástole* – é o avanço para a sílaba seguinte.

Outro Aretino fui... a santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia
Rasga meus versos, crê na eternidade!

(Bocage)

A tônica da palavra “ímpia” foi deslocada da primeira para a segunda sílaba.

Como as figuras não se dão apenas nos sons, passamos agora a ver aquelas que se dão na forma da palavra e, por isso, se chamam figuras de morfologia.

(Fonte: http://img.olhares.com).

FIGURAS DE MORFOLOGIA

Essas figuras se dão por aumento ou diminuição da palavra a partir do ganho ou da perda da sílaba. Colocamos a seguir os casos de ganho de sílabas.

Prótese – é o acréscimo de fonema no início da palavra.

Todo difícil é fácil,
Abasta a gente saber

(Mário de Andrade)

Esse acréscimo pode não implicar no aumento de sílabas métricas, caso se dê com uma vogal átona diante de outra.

Vinha arraiando a aurora

(Antônio Nobre)

Na língua coloquial, a prótese ocorre em palavras como: *arrodear* em vez de rodear. Entre algumas pessoas incultas e na composição poética, encontra-se *alevantar* por levantar. Exemplo: "O sol se alevanta cedinho".

Epêntese – é o acréscimo dentro da palavra.

Mas há pouco, há poucochinho,
Nem uma agulha bulia

(Augusto Gil)

Na fala espontânea, ocorre sempre epêntese do /i/ separando os encontros consonantais /gn/: digno soando /díguinu/; /bs/: absoluto soando /abisolutu/;/pn/: pneu soando /peneu/ ou /pineu/ Ou ainda: cruz soando /cruis/; mês soando /meis/; vocês soando /voceis/ entre outros casos.

Paragoge – é o acréscimo no final da palavra.

As delícias de um céu fugace

(Cruz e Souza)

Como um caso de paragoge na linguagem inculta, pode-se considerar, sincronicamente, a palavra seio no lugar de *sei*. Por exemplo, no diálogo:

Purgatório, Paul Gustave Doré (1832-1883) (Fonte: http://images.google.com.br).

– Você sabe disso?
– Seio.

Ou ainda no caso de estrangeirismos aportuguesados. O termo "club" é pronunciado "clube"; Com as palavras "stand" que se pronuncia /istandi/, e "stop" que se pronuncia /istopi/ temos dois fenômenos: prótese e paragoge.

Rípio ou cavilha – este não é um caso de aumento de fonema na palavra, mas o acréscimo de palavra no verso a fim de alcançar o número de sílabas necessárias. Essa palavra não altera o sentido do verso. Funciona como uma partícula expletiva.

Criaturas de Deus *se* peregrinam
Invisíveis na terra, consolando
As almas que padecem, certamente

(Álvares de Azevedo)

Passemos agora para as figuras de morfologia que consistem na perda de sons.

Aférese – perda de som no início da palavra.

Vejo-as inda passar, pálidas e belas;

(Raimundo Correia)

Coloquialmente, encontramos com freqüência a queda da sílaba inicial do verbo "estar" flexionado: tou, tá, tive em lugar de estou, está, estive. Ou no termo "peraí" traduzindo a expressão "Espere aí".

Síncope – perda de fonemas dentro da palavra.

Filho do *sec'lo* das luzes!

(Castro Alves)

E cresce, e treme, e brilha, e afia o ouvido, e escuta
A voz que na *soidão* só ele escuta, - só:

(Olavo Bilac)

Na língua coloquial, encontramos *xicra* por *xícara*; abobra por *abóbora*.

Se a perda ocorrer com uma sílaba igual ou semelhante, essa síncope se chama *haplologia*.

Escuta, minha irmã, *cuidosa* enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos

(Álvares de Azevedo)

Na fala diária, temos "paralepípedo" por paralelepípedo.

Apócope – é a perda de fonema no final da palavra.

Emergia da *imácula* brancura

(Olegário Mariano)

Na língua coloquial, os infinitivos perdem o /r/ final. Exemplo: Olhar torna-se *olhá*; fazer torna-se *fazê*.

ESTUDO DA ESTROFE

Estrofe é um verso ou um conjunto de versos.

As estrofes recebem algumas classificações de acordo com:
a) o tipo de composição;
b) a disposição no poema;
c) a métrica;
d) o ritmo.

Vamos ver essas classificações.

a) *Quanto à composição*, ou seja, ao número de versos que possui, a estrofe pode ser:
- *Monóstico* – estrofe de um só verso. Raramente é usada na versificação tradicional.
- *Dístico* ou parelha – estrofe de dois versos.
- *Terceto* ou trístico – estrofe de três versos.
- *Quarteto* ou quadra – estrofe de quatro versos.
- *Quintilha* – estrofe de cinco versos.
- *Sextilha* – estrofe de seis versos.
- *Sétima*, setilha ou hepteto – estrofe de sete versos.
- *Oitava* – estrofe de oito versos.
- *Nona* – estrofe de nove versos.
- *Décima* – estrofe de dez versos.
- *Irregulares* – estrofes com mais de dez versos.

b) *Quanto* à disposição no poema as estrofes podem ser:
- *Uniformes* – quando têm o mesmo número de versos em todo o poema.
- *Combinadas* – quando apresentam número variado de versos. Os poemas de forma fixa sempre trazem esse tipo de estrofe. Por exemplo, o soneto é composto de dois quartetos e dois tercetos.
- *Estíquicas* ou livres – quando se compõem com um número de versos completamente livre. Por exemplo, um poema com uma estrofe de 8 versos, outra com 2 versos e outra ainda com 5 versos.

c) *Quanto à métrica*, as estrofes podem ser:
- *Isométricas* – quando os versos têm a mesma medida, ou seja, o mesmo número de sílabas.

Cabe pois num vagão
toda a nossa viagem.

Mas é cinza e carvão
amor, e sua imagem.

(Drummond)

- *Heterométricas* – quando os versos têm medida diferente.

A bomba planejada?

Ou a bomba pronta
excitando a hora
do prazer do dedo
no botão maligno?

metástese do ódio
deflagrada no corpo
do mundo

que parece são

Bomba atômica (Fonte: http://blogverde.com).

(Carmelita Fontes)

d) *Quanto ao ritmo*, elas são:
- *Isorrítmicas* – quando os versos têm o mesmo esquema rítmico.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

(Gonçalves Dias)

O esquema rítmico se baseia em ictos na segunda e na quinta sílabas.
- *Heterorrítmicas* – quando os versos têm esquema rítmico variado.

Conheço os sinais; e logo,		2	5	7
animado da esperança,		3		7
busco dar um desafogo	1	3		7
ao cansado coração.		3		7

Pela indicação ao lado das sílabas onde ocorrem os ictos, você se dá conta de que existe uma variação rítmica da estrofe.

(Fonte: http://www.weno.com.br).

CONCLUSÃO

Depois dessa exposição sobre o METRO e sobre a ES-TROFE, vamos continuar com esse mesmo tipo de es-tudo classificatório na próxima aula, mas já tratando de outros elementos do verso.

RESUMO

Nesta aula lhe foram apresentadas as características da metrificação e da estrofação. Na primeira, que é a métrica, os versos são divididos em isométricos e heterométricos. Além disso, existem os versos livres, encontrados principalmente no Modernismo, que não possuem uma regularidade no número de sílabas e também não têm preocupação com a métrica. Já a estrofe compreende um verso ou um conjunto de versos e é classificada quanto ao tipo de composição, disposição no poema, métrica e ritmo.

ATIVIDADES

A fim de melhorar a fixação de seu aprendizado, depois de estudar esta lição, responda ao que se pede nos itens abaixo. Caso seja necessário consultar a aula por causa de uma dúvida, não tem problema. Mas só recorra a esse expediente se não conseguir mesmo. Por isso, estude bem o texto antes de fazer essa tarefa.

1. Complete as frases:
a) Os quatro elementos estudados na composição em verso são: a estrofação, ___________________, ____________________ e ______________________.
b) A uma composição de dois quartetos e dois tercetos dá-se o nome de ____________

2. Responda com suas palavras:
Como se classifica a estrofe:
a) em relação à composição___________________________________
b) em relação ao poema____________________________________
c) em relação à estrutura métrica ______________________________

3. Que são estrofes irregulares_________________________________
4. Conceitue o verso____

5. Enumere os itens da coluna da direita de acordo com o seu correspondente na coluna da esquerda:

(1) Prótese	( ) perda da sílaba inicial da palavra
(2) Hiato	( ) fusão de dois sons em um só dentro da mesma palavra
(3) Aférese	( ) elisão do fonema nasal
(4) Sinérese	( ) aumento de fonema no início da palavra
(5) Ectilipse	( ) separação de dois sons intervocálicos

6. Complete as frases:
a) Monóstico é ____
b) Sextilha é ____
c) Em relação à métrica, as estrofes podem ser: _______________
d) Um verso de 6 sílabas é chamado ________________________
e) Um verso de 9 sílabas é chamado _________________________
f) Um verso de 11 sílabas é chamado ________________________

PRÓXIMA AULA

Logo mais você verá a segunda parte do assunto que compreende os elementos formais do poema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.

CANDIDO, Antonio e CASTELO, Aderaldo. **Presença da literatura brasileira I**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Villa Rica Editora, 1996.

Aula 10

O POEMA E SEUS CONSTITUINTES (2ª PARTE)

META

Apresentar os elementos formais do poema referentes ao ritmo e à rima.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Identificar as diferenças entre o ritmo melódico, o ritmo lógico e o ritmo psicológico;
- Comparar as características do ritmo na prosa e na poesia;
- Reconhecer as diferenças entre os vários tipos de rima;
- Avaliar a importância maior ou menor da rima na elaboração do poema.

PRÉ-REQUISITOS

A aula 9, que contém a primeira parte do assunto que descreve o poema e seus constituintes

Antonio Cardoso Filho

INTRODUÇÃO

O que dissemos na Introdução da aula anterior serve de igual modo para esta aula. Você pode se perguntar: "Se é assim, porque o conteúdo desta aula já não faz parte da aula passada?" Bem, é porque cada aula deve ser escrita em função do tempo normal de uma aula presencial e, sendo assim, não é possível estudar tudo em tão pouco tempo. Aliás, neste momento, você já percebeu que o conteúdo da 1ª parte da Aula 10 é demasiado para se estudar em duas horas. Se essa demasia não foi evitada é devido à importância de você ter uma visão geral desses aspectos técnicos do poema. Mesmo assim, o que está posto lá e o que você vai ver aqui ainda não é suficiente para um estudo aprofundado do assunto.

Vamos, então, começar essa nova etapa, que trata do RITMO e da RIMA.

SOBRE O RITMO

O ritmo é a sucessão de sons fortes (tônicos) e fracos (átonos) que se alternam no verso. Essas alternâncias produzem elevações e baixas de voz que, associadas a pausas menores e maiores dão a sensação agradável que experimentamos na leitura do poema em voz alta. Quando os versos têm a mesma regularidade no ritmo são chamados de *isorrítmicos*, e quando não apresentam regularidade são chamados de *heterorrítmicos*.

Quanto aos tipos de ritmo, podemos encontrar:

a) *ritmo lógico* – é o ritmo que prevalece na prosa. Na escrita, ele é percebido através dos sinais de pontuação: vírgula, ponto, reticências, interrogação, exclamação etc., tudo compondo um cenário cadenciado que imprime ao texto o ritmo do seu andamento e o clima psicológico de seu tema.

b) *ritmo melódico* (ou mecânico) – é característico do verso, de modo especial, do verso feito sob medida. Dentro deste tipo de ritmo, encontramos *ictos* e *pausas*.

Chama-se icto a sílaba tônica, ou sílabas tônicas, mais fortes do verso. Note que na estrofe abaixo os ictos recaem na segunda e na quinta sílabas dos versos:

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

(Gonçalves Dias)

Com relação às *pausas*, elas têm duração variável.

- A pausa de duração *mínima* – dá-se no interior do verso e se chama *cesura*;
- A pausa de duração *média* – dá-se no final do verso;
- A pausa de duração *máxima* – dá-se no final da estrofe.

Ao ler a estrofe abaixo, sentimos algumas pausas leves, mínimas, nos pontos que demarcamos com uma barra. São as *cesuras*.

Hão de chorar por ela / os **cinamomos**
Murchando as flores / ao tambor do dia.
Dos laranjais / hão de cair os **pomos**,
Lembrando-se daquela / que os colhia.

(Alphonsus de Guimaraens)

Ver glossário no final da Aula

Mas, cuidado! Nem sempre ocorre uma pausa no final do verso. Não raramente, o sentido de um verso continua no verso seguinte. Daí não se poder fazer uma pausa no final. A esse fenômeno se dá o nome de *encadeamento* ou *enjambment*.

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
A cada despedida eu vou te amar
desesperadamente, eu sei que vou te amar.

(Vinícius de Moraes e Tom Jobim)

Outro fenômeno do verso é o *corte*. Isso ocorre quando há uma pausa máxima no interior do verso, forçada pela presença de uma pontuação forte. É o que vai acontecer no meio do terceiro verso com o ponto na palavra "espanholas".

Sopra o vento, desdobra-o, resplandecem
De um lado a imagem do Cordeiro, e do outro
As armas espanholas. Como **assenso**
Da divina mansão, esparge a brisa
Um chuveiro de flores sobre a imagem,

Ver glossário no final da Aula

(Araújo Porto Alegre)

Dentro do ritmo melódico há que se considerar ainda o *segmento melódico* que é a parte do verso que constitui a *unidade* do ritmo. Um verso pode ter um ou mais segmentos melódicos.

Oh! que saudades / que tenho
Da aurora / da minha vida
Da minha / infância querida
Que os anos/ não trazem mais!

(Casimiro de Abreu)

Para detectar o *segmento melódico* é necessário verificar onde estão a cesura e a pausa final do verso. Se o verso tiver apenas um segmento, será considerado *simples* (versos com até quatro sílabas métricas); se tiver mais de um segmento melódico, será considerado *composto* (versos com mais de quatro sílabas métricas).

c) *ritmo psicológico* (ou interior) – característico do verso livre, que não se preocupa com a forma de musicalidade do verso medido e deixa a cargo do leitor a percepção do clima poético.

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão **infenso** à efusão lírica.

Ver glossário no final da Aula

(Drummond)

(Fonte: http://brunogodinho.zip.net/).

Comparando a forma de organização do ritmo e do metro, podemos dizer que este último é um fator formal e exterior do poema enquanto o ritmo é algo subjetivo e está relacionado com a produção de uma certa emoção, por isso tem a ver com o interior do sujeito poético.

Os apoios rítmicos do verso, ou seja, os lugares onde estão os *ictos* podem-se dar em qualquer sílaba a depender da preferência do poeta. Entretanto, existem algumas convenções. Por exemplo, o verso decassílabo quando apresenta o esquema rítmico na 6ª e na 10ª sílabas chama-se *heroico*; quando este esquema está na 4ª, 7ª e 10ª sílabas, chama-se *provençal*; e quando ocorre na 4ª, 8ª e 10ª sílabas, chama-se *sáfico*.

SOBRE A RIMA

A rima é a semelhança ou igualdade de som. Ela pode ocorrer no final de versos diferentes, no interior do mesmo verso ou ainda no final de um verso com o interior de outro. Mas a rima não é um dado intrínseco ao poema e nem sempre existiu. Entre os gregos e os romanos ela não aparecia. Mas aqui nós vamos estudá-la. Então, comecemos.

Em relação ao modo como a rima está organizada, os versos podem ser:
a) *monorrimos* – se há apenas um tipo de rima. Seu esquema pode ser indicado como a a a a.

Todo o Oriente corre a recebê-la:
O nardo, a mirra, o aloés, a canela,
O sândalo e a baunilha estão por ela
Asas de aroma a levantar, por vê-la.

(Luís Delfino)

b) *polirrimos* – quando há mais de um tipo de rima.

Tuas palavras antigas
deixei-as todas, deixei-as,
junto com as minhas cantigas,
desenhadas nas areias.

(Cecília Meireles)

c) *brancos* ou soltos – quando não há rima.

Ver glossário no final da Aula

Aquele **rio***
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

(João Cabral de Melo Neto)

(Fonte: http://tarjaverde.files.wordpress.com).

A rima é classificada em relação a cinco aspectos: disposição, qualidade, som, intensidade e gênero.

1. *Quanto à disposição*, ela pode ser *final e interna.*

Final – quando acontecem no fim do verso. As rimas finais podem ser:

- *paralelas* – um verso rima com o seguinte. Seu esquema é a a b b.

Filho meu, tesouro mago
de todo esse afeto vago...
Filho meu, torre mais alta
de onde o meu amor se exalta.

(Cruz e Sousa)

- *Opostas* – o esquema é *a - - a*. Entre os versos rimados existem dois outros que podem conter rima ou não.

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as névoas te **libras** vaporoso...

Ver glossário no final da Aula

(Castro Alves)

- *Alternadas* – seu esquema é a b a b.

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida à beira do riacho ingrato.
Nem beijos dá-lhes a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato!

(Casimiro de Abreu)

- *Misturadas* – como o próprio nome está dizendo, não têm esquema padronizado.

Acorda! à ave na selva,
Às flores no agasalho
Da relva;

À aranha em cuja corda
Treme a gota de orvalho:
Acorda!

Do caniçal às flechas,
do matagal às ramas;
implexas;

(Alberto de Oliveira)

- *Continuadas* – é a repetição do mesmo som na estrofe ou até mesmo no poema completo.

Ó tristeza sem fim deste dia de agosto!
É como um dia que nascesse de um sol-posto:
um dia já vivido, um dia já transposto
há muito, muito tempo... um dia decomposto
– cadáver de outro dia – a apodrecer exposto
ao sol profanador de outro dia disposto
a ser útil e belo; um dia recomposto,
feito do que ficou de dias de desgosto.

(Guilherme de Almeida)

INTERNA – é aquela que se dá dentro do verso. As rimas internas se subdividem em:
- *Aliterantes* – quando sons consonantais iguais ou semelhantes se repetem.

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem...
que já vem, que já vem, que já vem...

(Chico Buarque de Holanda)

- *Encadeadas* – acontecem com palavras do final de um verso com palavra do interior do verso seguinte.

Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta *aura* lisonjeira,

(Silva Alvarenga)

(Fonte: http://img.olhares.com).

- *Coroadas* – ocorrem no interior do verso.

Na messe, que enlour*ece*, estremece a querm*esse*

(Eugênio de Castro)

Esse tipo de rima é também uma figura de harmonia chamada eco.

2. *Quanto à qualidade*.

A qualidade é uma característica que tem a ver com a classe gramatical das palavras que rimam. Então, considerando a qualidade, a rima pode ser:

Pobre – se as palavras pertencem à mesma classe gramatical.

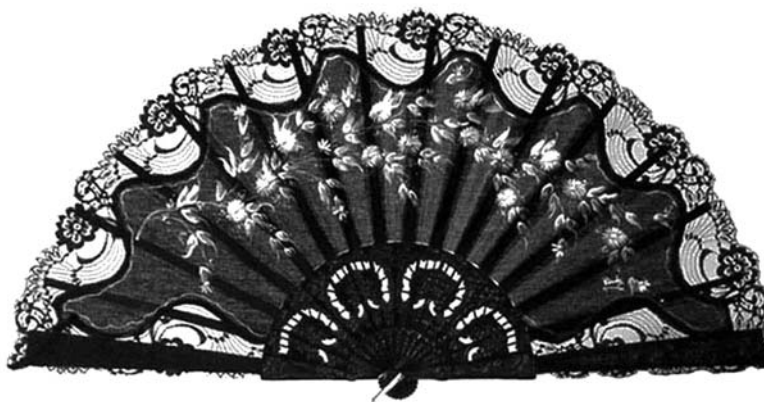
Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida.

(Camões)

Rica – quando as palavras pertencem a classes gramaticais diferentes.

Aqui outrora retumbaram hinos;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os ouropéis mais finos...

(Raimundo Correia)

(Fonte: http://www.novcar.com).

Raras – quando a rima se dá com palavras pouco utilizadas para a rima.

Para que não ter por ti desprezo? Por que não perdê-lo?
Ah, deixa que eu te ignore... O teu silêncio é um leque –
Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo, tão belo,

Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque...

(Fernando Pessoa)

3. *Quanto ao som*.

Quando falamos em som, estamos aqui nos referindo à extensão dos fonemas que rimam. Nesse aspecto, a rima pode ser consoante, toante (ou assoante) e impura.

Rima consoante – é aquela que se dá a partir da última vogal tônica do verso.

Destes penhascos fez na natur*eza*
O berço em que nasci: Oh! quem cuid*ara*,
Que entre penhas tão duras se cri*ara*
Uma alma terna, um peito sem dur*eza*!

(Cláudio Manuel da Costa)

Essa rima se subdivide em: *suficiente* e *opulenta*.

- **Suficiente** – quando a identidade do som ocorre apenas a partir do último icto, da última vogal tônica do verso, como se deu no exemplo anterior.
- **Opulenta** – quando a identidade do som ocorre também com os fonemas anteriores ao icto.

Pintei-lhe outra vez o estado,
em que estava esta alma posta;
não me deu também resposta,
constrangeu-se e suspirou.

(Tomás Antônio Gonzaga)

Rima toante – é aquela que se dá apenas na vogal tônica final do verso.

O cristal do Tejo Anarda
Em ditosa barca sulca;
Qual perla, Anarda se alinda,
Qual concha, a barca se encurva.

(Botelho de Oliveira)

Rima impura – é aquela em que o timbre da vogal tônica é diferente.

O coração é o colibri dourado
Das **veigas** puras do jardim do *céu*.
Um – tem o mel da **granadilha** agreste,
Bebe os perfumes, que a **bonina** *deu*.

Ver glossário no final da Aula

4. *Quanto à intensidade*.

A intensidade do som é vista em relação à força com que a palavra é pronunciada. As palavras oxítonas levam a força até o final, as paroxítonas diminuem o impacto final e as proparoxítonas puxam o som para trás. De modo que, em relação à intensidade, a rima pode ser *aguda*, *grave* e *esdrúxula*.

- *Agudas* – quando é feita com palavras oxítonas. Observa acima que se da entre os versos 3 e 6.

Um sussurro também, em sons dispersos,
Ouvia não há muito a casa. Eram meus versos.
De alguns, talvez, ainda, os ecos falarão.
E em seu surto, a buscar eternamente o belo,
misturado à voz das monjas do Carmelo,
subirão até Deus nas asas da oração.

(Alberto de Oliveira)

- *Graves* – quando se dão em palavras paroxítonas.

Nas estrofes acima, temos rima grave acontecendo entre os versos 1 e 2; e 4 e 5.

- *Esdrúxulas* – quando ocorrer em palavras proparoxítonas.

Ah! quanto custa, ó Deus, ver as crianças pálidas!
Pobres botões em flor! pobres gentis crisálidas!

(Guerra Junqueiro)

5. *Quanto ao gênero*.

Nessa categoria, a rima pode ser: masculina e feminina.

- *Masculina* – se é feita com palavras oxítonas.
- *Feminina* – se é feita com palavras paroxítonas.

Logo, toda rima masculina é aguda, e toda rima feminina é grave.

CONCLUSÃO

Terminamos agora os aspectos técnicos da composição poé-tica. Evidentemente, ainda haveria muito a dizer, mas com o que está demonstrado, você foi despertado para a existência da riqueza de procedimentos encontrados no poema. Então, fazer um poema obedecendo a esses critérios não é uma tarefa simples. Exige estudo e dedicação dos que querem chegar lá.

Mas, com a poética moderna, essas muitas formas técnicas já não são tão exigidas, o que não significa que não sejam encontradas. Assim, deixamos a você a tarefa de uma pesquisa maior a partir do seu interesse e do apoio do professor-tutor. Nunca pense que a poesia está fora de moda. Nunca esteve nem vai estar. Porque ela é um lugar privilegiado para a expressão da alma humana desde os sentimentos mais simples e corriqueiros até os mais profundos. Fazer poesia é ver o mundo pelo lado de dentro e todo o arsenal técnico – sejam os tradicionais ou os modernos – tem por finalidade ajudar o poeta a atingir as múltiplos dimensões do sentido e juntamente com ele alcançar o gozo da linguagem.

RESUMO

Durante a aula, caro aluno, você conheceu os outros constituintes do poema, como o ritmo e a rima. Sobre o ritmo, foi exposto que ele é caracterizado pela sucessão de sons fortes e fracos alternados no verso. Os tipos de ritmo são: lógico, melódico e psicológico. Já a rima é a igualdade ou semelhança de som, tendo sua classificação dividida em cinco aspectos: disposição, qualidade, som, intensidade e gênero. Os versos podem ser organizados de modos diferentes, de acordo com a rima, então eles podem ser: monorrimos, polirrimos e brancos.

ATIVIDADES

Da mesma forma que você fez na aula anterior, continue com esta aula, respondendo aos itens abaixo:

1. Como se divide o ritmo? ________________________________
2. Como se classifica o verso quanto ao ritmo? ________________
3. Como se classifica a rima quanto

a) à disposição____

b) à qualidade ____

4. Classifique as rimas finais dos versos seguintes quanto à disposição:

a) Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso **tapiz** de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores

Ver glossário no final da Aula

(Gonçalves Dias)

b) Em mim também que descuidado vistes,
Encantado e aumentando o próprio encanto,
Tereis notado que outras cousas canto
Muito diversas do que outrora ouvistes"

(Olavo Bilac)

5. Nas afirmações abaixo, escreva dentro dos parênteses a letra "S" se a afirmação for completamente correta e a letra "N" se for falsa ou contiver algum dado incorreto.

a) ( ) Cesura é o nome que se dá à pausa no fim da estrofe.
b) ( ) O ritmo melódico é o organizado pela alternância de vozes tônicas culminantes e pausas alternadas.
c) ( ) O segmento melódico é a unidade do ritmo mecânico.
d) ( ) Rimas encadeadas são aquelas que se verificam no final de um verso com o final do verso seguinte.
e) ( ) Rima aguda é aquela que se dá entre palavras paroxítonas.
f) ( ) A rima rara ocorre com palavras cuja terminação não é comum.
g) ( ) O ritmo lógico é característico do verso livre.
h) ( ) Icto são as sílabas tônicas principais do verso.
i) ( ) Quanto à qualidade, a rima pode ser pobre, rica e rara.
j) ( ) Corte é a pausa forte no interior do verso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes e outros poemas**. São Paulo: Ática, 1998.
ANDRADE, Carlos Drummond. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
CANDIDO, Antonio e CASTELO, Aderaldo. **Presença da literatura brasileira I**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.
TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Villa Rica Editora, 1996.

GLÓSSARIO

Cinamomo: Planta ornamental.

Pomos: Frutos

Assenso: Aceitação; adesão.

Infenso: Contrário, que não deixa se aproximar.

Rio: Neste trecho do poema Cão sem plumas, este rio é o Capibaribe – onde os esgotos de Recife deságuam.

Libras: 2ª pessoa do singular do verbo librar, que significa estar suspenso, pôr em equílibrio.

Veiga: Várzea, terreno plano cultivado

Granadilha: Espécie de maracujá.

Bonina: Planta ornamental.

Tapiz: Tapete.